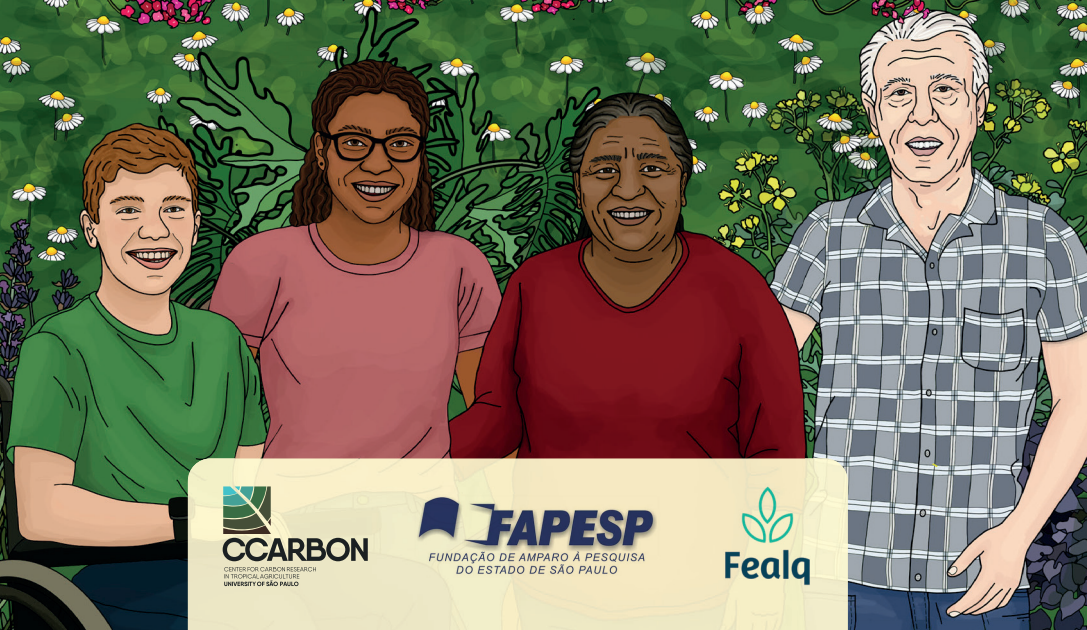


NAYANA ALVES PEREIRA • MARIANA PEZATTE POLLO • JULIANA RAMIRO
ANTÔNIO CARLOS DE AZEVEDO • LEIDIVAN ALMEIDA FRAZÃO
RODOLFO FAGUNDES COSTA • TIAGO OSÓRIO FERREIRA
PAULA MARTINS NERY (ILUSTRAÇÕES)

OS GUARDIÕES DE VILA VERDE



CCARBON

CENTER FOR CARBON RESEARCH
IN TECHNICAL AGRICULTURE
UNIVERSITY OF SÃO PAULO



FAPESP

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE SÃO PAULO



Fealq

OS GUARDIÕES DE VILA VERDE



**Food and Agriculture
Organization of the
United Nations**



Educarbon®

SOCIAL

TRAINING

INNOVATION

FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS LUIZ DE QUEIROZ - FEALQ

Avenida Centenário, 1080 • São Dimas • 13.416-000

Piracicaba-SP • Brasil

19 3417-6600

livros@fealq.com.br

www.fealq.org.br

1ª edição dezembro de 2025

CAPA, ILUSTRAÇÃO E PROJETO GRÁFICO | Paula Martins Nery

DIAGRAMAÇÃO | Victor Benatti (@vbenatti)

EDITOR | Humberto Luis Marques

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL | Gabriela P. S. Lopes Scatamburlo

GESTÃO EDITORIAL | Fabiana Cerri de Carvalho

APOIO EDITORIAL | Sônia Piacentini

FAPESP - Processo nº 2021/10573-4

Programa de Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID)

Catalogação na Publicação DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - ESALQ/USP

Os guardiões de Vila Verde [recurso eletrônico] / Nayana Alves Pereira ... [et al.]. -- Piracicaba : FEALQ, 2025.
44 p. : il.

ISBN: 978-65-89722-92-2

DOI: 10.37856/9786589722922.fealq.2025

1. Educação ambiental 2. Literatura infantojuvenil 3. Natureza 4. Saúde do solo
5. Sustentabilidade 6. Vila Verde I. Pereira, N. A. II. Pollo, M. P. III. Ramiro, J. IV. Azevedo, A. C.
de V. Frazão, L. A. VI. Costa. R. F. VII. Ferreira, T. O. VIII. Título

CDD 333.707

Elaborada por Maria Angela de Toledo Leme - CRB-8/3359

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons



NAYANA ALVES PEREIRA • MARIANA PEZATTE POLLO • JULIANA RAMIRO
ANTÔNIO CARLOS DE AZEVEDO • LEIDIVAN ALMEIDA FRAZÃO
RODOLFO FAGUNDES COSTA • TIAGO OSÓRIO FERREIRA
PAULA MARTINS NERY (ILUSTRAÇÕES)



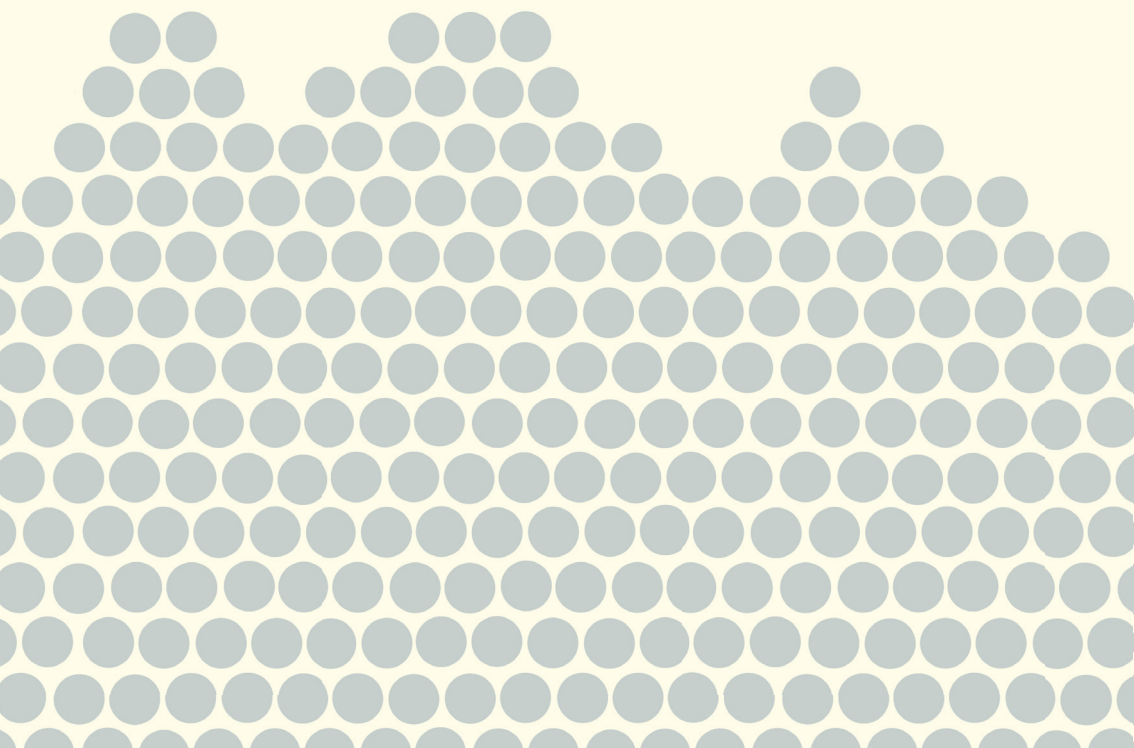
Piracicaba-SP
• 2025 •

PREFÁCIO

Esse livro nos propõe algumas reflexões acerca de nossas reais conexões e necessidades. A modernidade nos trouxe inúmeros benefícios, facilitou nossa vida e possibilitou mudanças que nos acompanharão para o resto da vida.

No entanto, essa mesma modernidade, alavancada pela tecnologia, nos desconectou de nós mesmos e nos afastou da natureza; deixamos de interagir com aquela que nos dá o que comer, o que beber, o que vestir, purifica nosso ar e nos protege de maneiras variadas para interagir com os cliques dos nossos mundos digitais.

Nesse livro conhecemos Maya, uma jovem curiosa e determinada, que se sensibiliza com a tragédia acontecida num bairro da sua cidade Vila Verde. Acompanhando o sofrimento de uma moradora atingida pelas enchentes desse bairro, a jovem guerreira Maya se propõe a sair da “bolha” das telas eletrônicas para entender o que acontece ao seu redor.



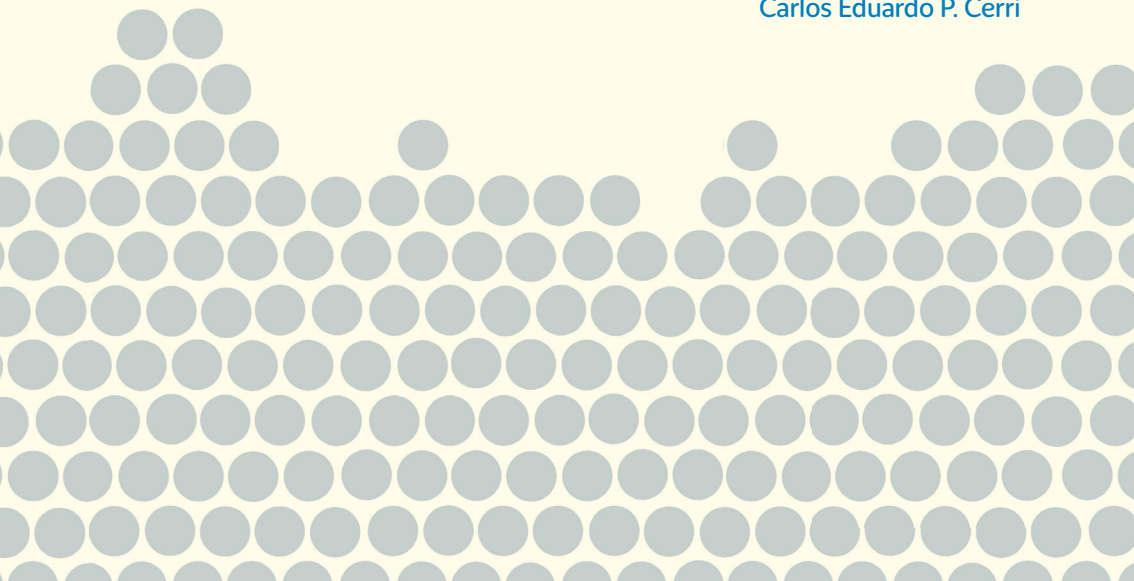
Num encontro enriquecedor com o incrível e inesquecível pesquisador e cientista do solo Professor Carlos Cerri (que eu tive a honra de ter como pai e inspiração pessoal e profissional), a jovem percebe que estamos tão envolvidos e hipnotizados com as várias tecnologias e ferramentas tecnológicas que nos esquecemos de cuidar da nossa base de vida.

Com uma vontade inabalável de fazer a diferença e ajudar a natureza e, conseqüentemente, ajudar a humanidade, Maya orientada pelo admirável professor Cerri começa a mostrar soluções possíveis e eficientes para melhorar a vida no bairro de dona Aurora e em sua cidade Vila Verde.

Nessa leitura agradável e didática podemos entender que a saúde do solo e da natureza impacta, diretamente, a saúde de uma cidade e a sobrevivência das pessoas. Mais que isso, essa leitura nos mostra a importância de nos reconectarmos com a natureza e buscarmos maneiras estratégicas, muitas vezes simples, de resgatar e salvar nosso planeta.

Desejo que os “Guardiões de Vila Verde” te possibilite uma visão mais harmônica com a natureza, desejo que as raízes do conhecimento deixadas pelo meu pai, o inesquecível Professor Cerri, continue criando ramificações por meio de projetos, como o Educarbon do CCARBON e tantas iniciativas que protejam nossos solos e preservem a natureza, boa leitura!

Carlos Eduardo P. Cerri







O DESPERTAR DO PROBLEMA

Maya, uma adolescente de quatorze anos, com cabelos castanhos sempre presos em um rabo de cavalo e olhos curiosos que não perdiam um detalhe, era a personificação da nova geração da cidade de Vila Verde. Ela passava horas em seu tablet, navegando por redes sociais, jogando e sonhando com inovações tecnológicas que mudariam o mundo. Para ela, a natureza era algo distante, um cenário bonito para fotos, porém sem muita relevância para a vida real na cidade.

Os dedos ágeis e precisos da garota deslizavam com familiaridade sobre as superfícies lisas de vidro e plástico, mas raramente sentiam a aspereza da casca de uma árvore, a umidade do solo ou a textura irregular de uma folha. A percepção tátil era para ela uma experiência quase abstrata, substituída pela vibração sutil de um dispositivo ou pelo feedback visual de um jogo.

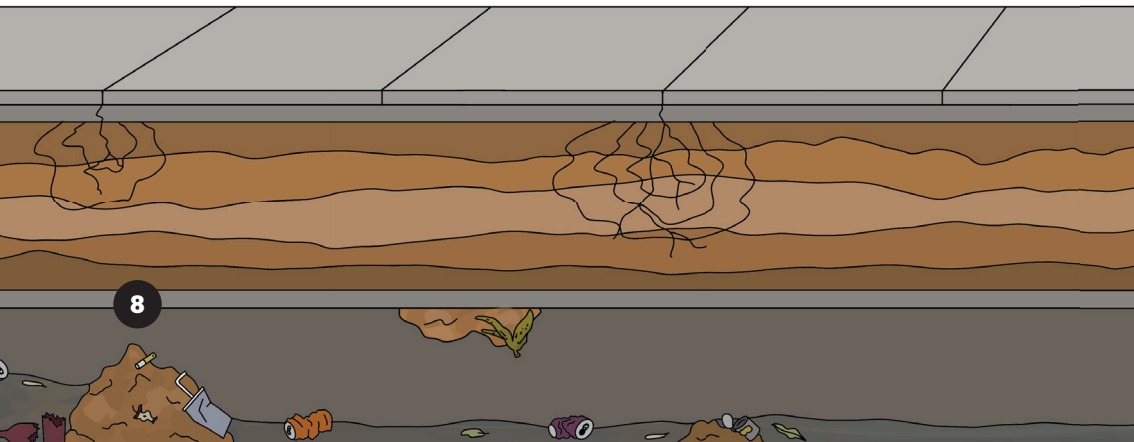
Essa desconexão física, a perda de percepção através do toque e da imersão sensorial, era uma característica silenciosa de sua geração. Ao acessar o mundo virtual, pareciam abandonar a riqueza das sensações mais primárias e a compreensão que elas poderiam oferecer sobre o ambiente ao seu redor.



Vila Verde era uma cidade que pulsava com a energia da modernidade. Arranha-céus espelhados riscavam o horizonte, carros elétricos deslizavam por avenidas largas e a tecnologia estava em cada esquina. Seus habitantes, jovens e conectados, orgulhavam-se de viver no futuro. No entanto, por trás da fachada de progresso, a cidade guardava um segredo sombrio, um problema que crescia silenciosamente sob seus pés: o solo.

O calor no verão era insuportável, transformando as calçadas em chapas quentes e o ar em uma névoa pesada e poluída.

Comida fresca, antes abundante, tornava-se cada vez mais cara e escassa, vindo de longe e perdendo o sabor. Os problemas de Vila Verde, no entanto, eram inegáveis. As chuvas, antes bem-vindas, transformaram-se em pesadelos.





CASAS VILA VERDE

V PHARMA

V MODAS

ONDA
DE 
CALOR

43 °C

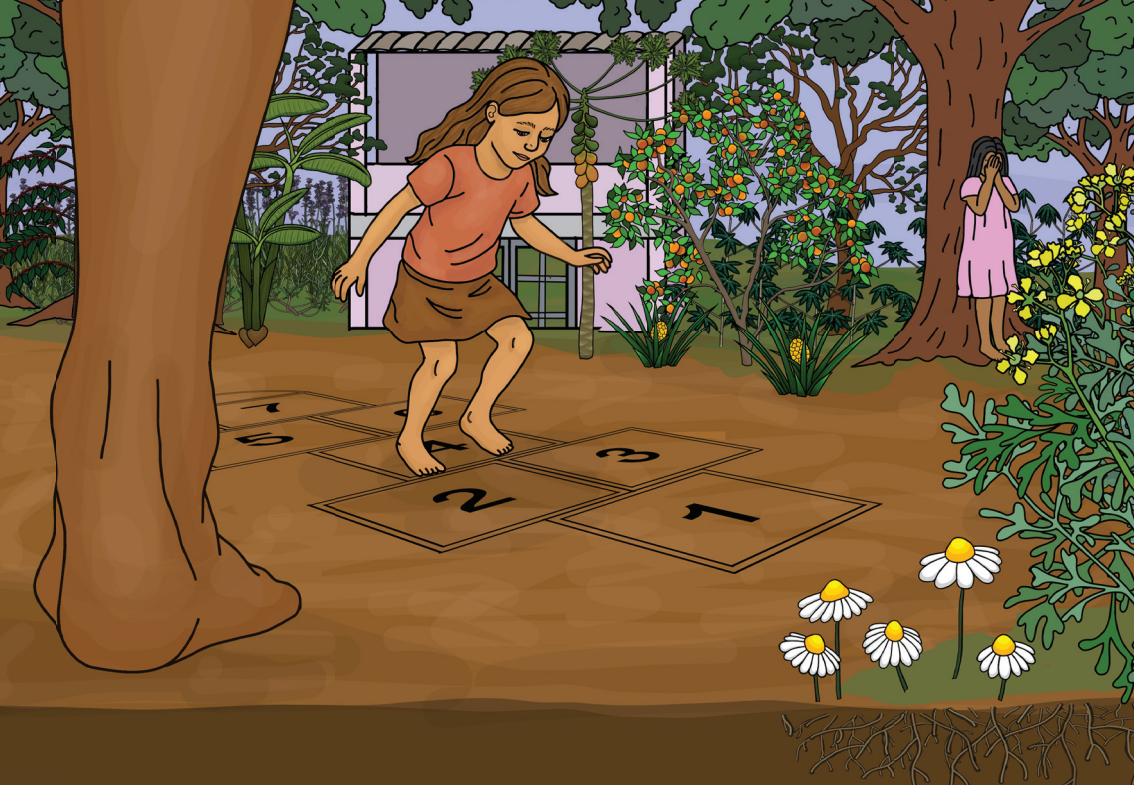
V verde



O primeiro lugar atingido pelas chuvas foi o bairro de Dona Aurora, uma senhora carismática, conhecida e querida por todos. Seu bairro era uma das áreas mais antigas e menos glamorosas da cidade, mas estava visivelmente sem cuidados.

Em sua juventude, Dona Aurora não conhecia a tela de um celular ou a complexidade dos circuitos eletrônicos. Seu mundo era o chão sob seus pés, muitas vezes descalços, sentindo a terra úmida pela chuva ou o calor suave do sol da tarde.

As ruas de seu bairro não eram de asfalto, mas sim de terra batida, convidando a brincadeiras que hoje ninguém pratica mais. Ela e seus amigos passavam horas em jogos simples, mas cheios de vida: a amarelinha desenhada na poeira, o pique-esconde entre as árvores frondosas, as corridas descalças que terminavam com risadas e joelhos ralados.



O ar, livre da névoa pesada da poluição, era um convite constante para respirar fundo e sentir a brisa, uma sensação que hoje se tornou um luxo raro.

A natureza não era apenas um pano de fundo para Dona Aurora; era parte intrínseca de sua existência. As árvores, que hoje lutam para sobreviver em meio ao concreto, eram suas companheiras de brincadeiras, seus esconderijos e suas fontes de inspiração.

Ela aprendia com o ciclo das plantas, observava os pequenos animais que habitavam os quintais e as praças, e entendia, de forma intuitiva, a importância de cada elemento para o equilíbrio da vida. Essa conexão profunda com o ambiente natural moldou sua sabedoria prática e sua resiliência, características que a acompanhariam por toda a vida.



Agora, todas aquelas lembranças faziam parte do passado de Dona Aurora e seu bairro se encontrava tomado pela lama e pelo entulho vindo da cidade.

A chuva que antes limpava, agora inundava sua casa.

E foi durante uma dessas enchentes que a vida de Maya começou a mudar.

As notícias mostravam imagens desoladoras do bairro de Dona Aurora, com a água até os joelhos, tentando salvar o pouco que restava de sua casa. A expressão no rosto era marcada por uma vida difícil, porém o brilho de resistência ainda estava presente nos seus olhos.

A frustração e o sofrimento daquela situação tocaram Maya de uma forma que nenhum aplicativo ou jogo jamais havia conseguido. Ela sentiu um incômodo e uma pontada de responsabilidade, mesmo sem ainda entender o porquê. Intrigada, Maya começou a pesquisar mais sobre as enchentes e as possíveis soluções para Vila Verde.







11:45

12:45

Prof. Carlos Cerri

É professor do Centro de Estudos em Agricultura da USP desde 1995. Sua pesquisa sobre a dinâmica do Solo em ecossistemas naturais e agrícolas, práticas agrícolas, pecuária. Quantificou as variações na matéria orgânica do solo (carbono) e fluxos de gases do efeito estufa (CO₂) em diversas situações de manejo.

Foi assim que Maya ficou sabendo do Professor Carlos Cerri. Ele era muito conhecido entre os moradores de Vila Verde por ser cientista do solo. O “sábio senhor” que vivia nos arredores da cidade, cercado pela natureza em uma casa que parecia ter saído de um conto de fadas.

Diziam que ele chegava a ser assustador, pois falava com as plantas e entendia os segredos do solo como ninguém. Chegou a aparecer em capas de jornais, por prever o futuro trágico de Vila Verde, caso algumas providências não fossem tomadas.

Com uma mistura de ceticismo, curiosidade e esperança, Maya decidiu procurá-lo.

Cerri, com seus cabelos brancos e um sorriso gentil, recebeu Maya com o entusiasmo de um professor ao reconhecer um aluno comprometido com uma causa. Seus olhos brilhavam com uma sabedoria antiga.

– Então a jovem Maya veio em busca de respostas? – ele perguntou com a voz rouca, mas acolhedora – As respostas, minha cara, nem sempre estão nas telas brilhantes, mas pode estar bem aqui, sob nossos pés.

Atenta a cada palavra do professor, Maya foi seguindo seus passos enquanto eles exploravam aquele verdadeiro oásis repleto de vida, que fazia os olhos da garota saltarem de encantamento.



A casa do professor era um contraste gritante com a modernidade de Vila Verde. Seu telhado era coberto de plantas, que se estendiam sobre as paredes em trepadeiras e flores exuberantes de todas as cores e tamanhos. O que tornava o ar perfumado, garantia conforto térmico e atraía insetos e pássaros que ali habitavam ou visitavam.

Ao fundo, na parte mais baixa e central do terreno se avistava um lago. Toda a água das encostas arborizadas, de solo permeável, escorriam lentamente enchendo aquele lago de uma água tão limpa e cristalina que era possível vê-lo refletindo nitidamente a infinidade e a beleza do céu.

Próximo a casa, canteiros onde alimento e plantas medicinais conviviam em abundância. Pés de alface, tomate e cenoura lado a lado do hortelã, alecrim e da erva-cidreira. A diversidade indicava não apenas fartura, mas também um modo de vida que unia nutrição, saúde e respeito ao ambiente. O que só era possível graças ao solo saudável, que nutre cada espécie e mantém o equilíbrio necessário para que a vida floresça em harmonia.

Tudo isso fez Maya perceber um mundo que não era visível no local onde morava. Não se observava tanta variedade de espaços naturais em Vila Verde. Ela nunca havia sido capaz de notar a riqueza que um ambiente desses poderia oferecer.



O Professor Cerri ajoelhou-se, pegou um punhado de terra escura e úmida, e explicou à garota que o solo não era apenas “terra suja”, como muitos achavam. Que em apenas uma colher de chá de solo, poderia conter milhões e até bilhões de organismos vivos, como ácaros, fungos, bactérias, e outros invertebrados essenciais para a saúde do solo.

- Então o senhor está querendo dizer que as enchentes, o calor, a poluição... tudo isso impacta diretamente no adoecimento do solo? - perguntou Maya.

- Sim, minha jovem. E sabe por quê? Quando cobrimos o solo com concreto, ele não consegue mais respirar, absorver a água, nem nutrir a vida. Portanto, quando o solo adoece, a cidade adoece junto. Mas a natureza tem suas próprias soluções, e elas são poderosas.

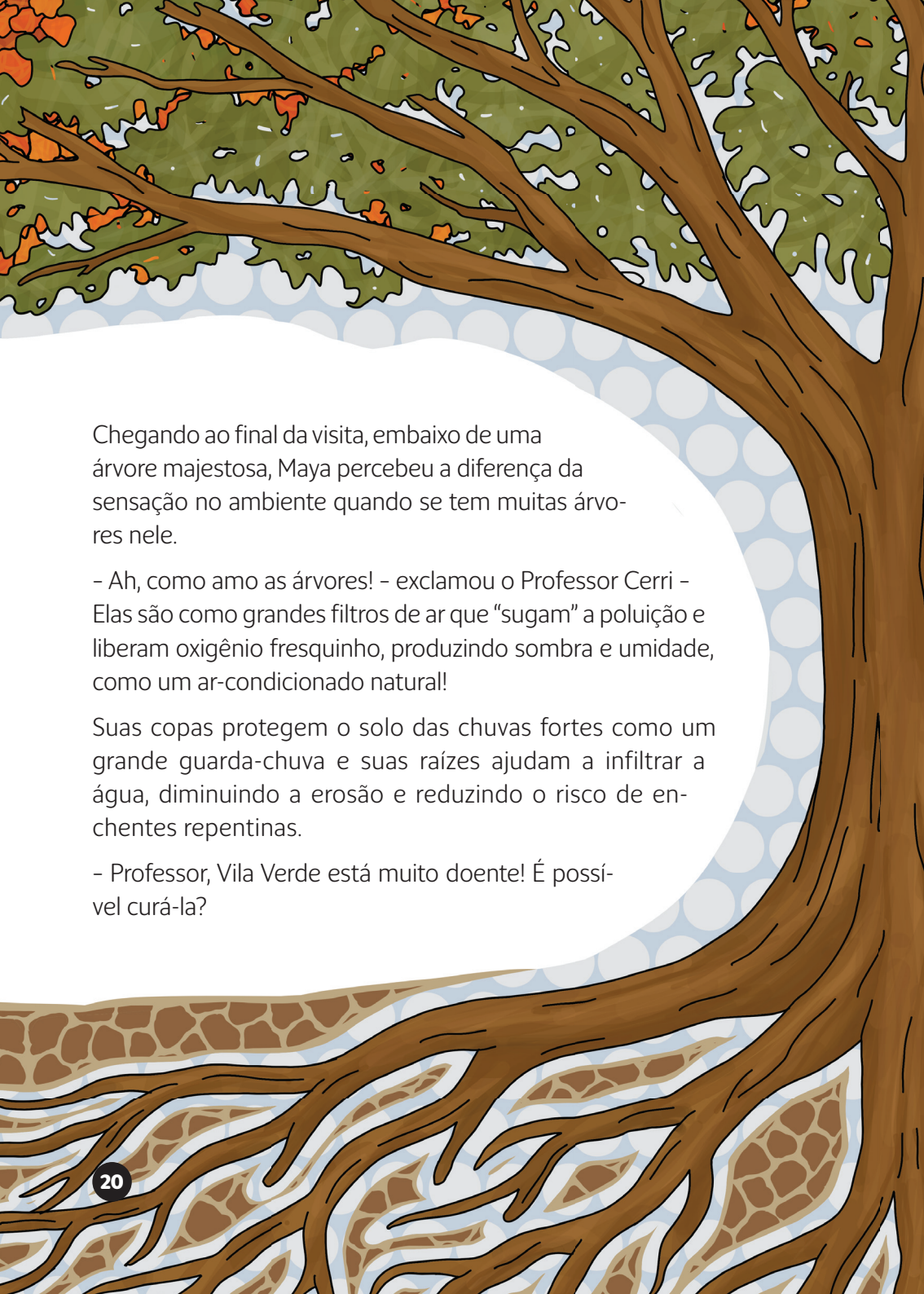


E ele continuou: - Imagine que a natureza é como uma super-heroína que tem poderes incríveis para nos ajudar a resolver problemas. “Soluções Baseadas na Natureza” são ideias e projetos que usam os “superpoderes da natureza” para tornar nossas cidades e o planeta lugares melhores e mais seguros para todos! É como se, sempre que nos depárrássemos com um problema, nos perguntássemos: “Ei, natureza, como você resolveria isso?” E então, ela nos responderia mostrando caminhos inteligentes, bonitos e saudáveis!

- Que incrível, professor! Agora fiquei pensando: como uma coisa dessas nunca passou pela minha cabeça? Logo eu, que passo tanto tempo conectada na internet, cheia de informações.

Maya sentiu uma faísca de interesse. Era como se um aplicativo fosse instalado em sua mente, revelando um novo mundo de possibilidades.





Chegando ao final da visita, embaixo de uma árvore majestosa, Maya percebeu a diferença da sensação no ambiente quando se tem muitas árvores nele.

- Ah, como amo as árvores! - exclamou o Professor Cerri - Elas são como grandes filtros de ar que "sugam" a poluição e liberam oxigênio fresquinho, produzindo sombra e umidade, como um ar-condicionado natural!

Suas copas protegem o solo das chuvas fortes como um grande guarda-chuva e suas raízes ajudam a infiltrar a água, diminuindo a erosão e reduzindo o risco de enchentes repentinas.

- Professor, Vila Verde está muito doente! É possível curá-la?



O Professor Cerri sorriu.

- Podemos curar Vila Verde quando começarmos a valorizar a importância do solo, minha jovem. E você, pode ser a chave para essa mudança. Sua missão é entender e ajudar a recuperar o solo de nossa cidade. É um desafio maior do que qualquer jogo, mas a recompensa é para a vida toda!

Maya aceitou o desafio. Ela não sabia exatamente como faria isso, mas a imagem de Dona Aurora e a sabedoria do Professor Cerri a impulsionaram.

O segredo subterrâneo de Vila Verde estava prestes a ser desvendado.

A DESCOBERTA E A AÇÃO

Maya voltou para casa com a cabeça fervilhando de ideias. O mundo, antes tão previsível em suas telas, havia se expandido para incluir a complexidade e a relevância da saúde do solo.

Ela queria salvar Vila Verde, mas sabia que era impossível fazer isso sozinha.





Por isso, acionou um de seus amigos, Leo – um garoto alto e apaixonado por robótica. Eles compartilhavam da mesma visão – viviam alheios à complexa teia de vida que existia sob o asfalto. Leo tinha uma mente lógica e era bom em transformar ideias em realidade.

Com um pouco de insistência, e a promessa de que haveria muitos desafios de engenharia urbana envolvidos, Maya conseguiu convencê-lo a se juntar à sua missão.

– “Solos saudáveis para cidades saudáveis” parece um slogan legal para uma campanha! – disse Leo. Seus olhos mostravam uma curiosidade genuína enquanto Maya explicava tudo o que havia aprendido com o Professor Cerri.

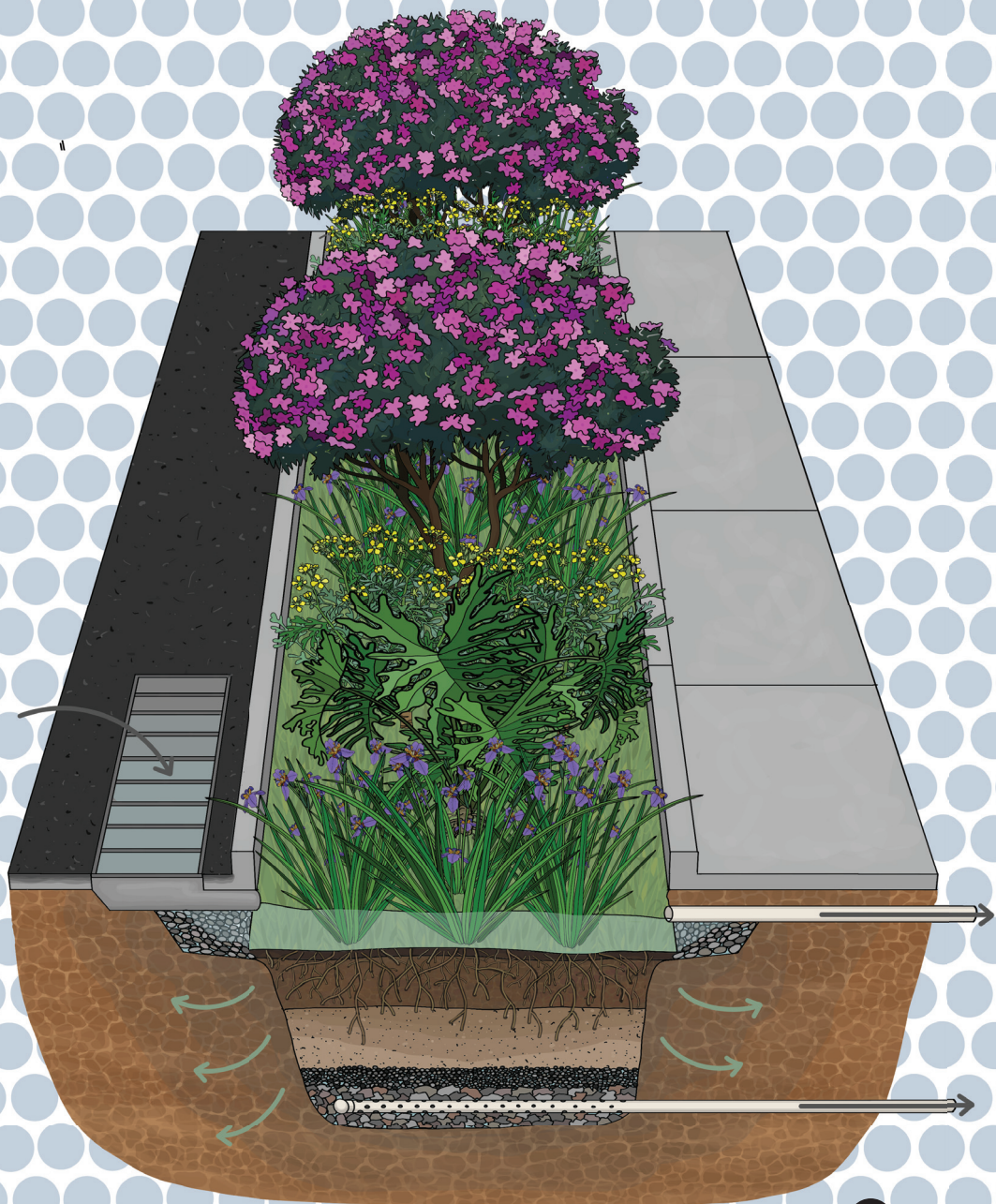
Agora, em vez de jogos, os jovens se viram utilizando tecnologias e ferramentas para acessar informações, conhecimentos científicos e exemplos de projetos urbanos, para solucionar problemas da própria realidade.

- Legal, então vamos pensar um pouco mais. Aqui na cidade os prédios esquentam muito no sol e a gente gasta muita energia com ar-condicionado. Quando chove, a água escorre rápido, causa enchentes, destrói casas, deixa a comunidade desabrigada...

- Boa, Leo! Vi numa pesquisa que existem locais onde são colocadas plantas nos telhados e nas paredes dos prédios. Elas ajudam de várias formas: mantêm os prédios mais fresquinhos, economizam energia, absorvem a água, diminuem as enchentes nas ruas... é como se as plantas fizessem o papel de esponjas gigantes!

- Este artigo mostra que os jardins de chuva são canteiros rebaixados com áreas verdes projetadas para coletar e absorver a água, ajudando a reduzir o risco de inundações e alagamentos em áreas urbanas. Se existisse essa tecnologia no bairro da Dona Aurora, a coitada não estaria vivendo em um ambiente alagado! - disse Maya num tom de revolta.

A cada nova descoberta, a empolgação de Maya e Leo crescia. Eles ficaram fascinados com a agricultura urbana, que transformava terrenos baldios em hortas comunitárias, produzindo alimentos frescos e fortalecendo os laços da comunidade. Eram infinitos os benefícios e oportunidades geradas. O conhecimento ia aumentando, assim como a vontade de agir.



Após a pesquisa, o segundo passo foi visitar o bairro de Dona Aurora, que ainda se recuperava da última enchente. Surpresa com a visita dos jovens, ela ouviu atentamente as ideias de Maya e Leo. Seus olhos, antes cansados, se encheram de esperança.

– Jardins de chuva? Telhados verdes? – ela repetiu, um sorriso começando a se formar em seus lábios – Parece coisa de filme! Mas se pode ajudar meu bairro, estou dentro!

Bastou uma conversa rápida com a comunidade para identificar uma pequena praça abandonada no coração do bairro, chamada “Praça do Sorriso”. Ela sempre inundava quando chovia, sendo o lugar ideal para começar a mudança.

Leo, com seu talento para a engenharia, elaborou o projeto técnico, enquanto Maya, usando sua habilidade de comunicação, mobilizou a comunidade pelas redes sociais junto da influência de Dona Aurora.



A experiência com o mundo digital foi uma grande aliada para alcançar pessoas que compartilhavam dos princípios de colaboração e cuidado com meio ambiente e facilitar a organização do mutirão.

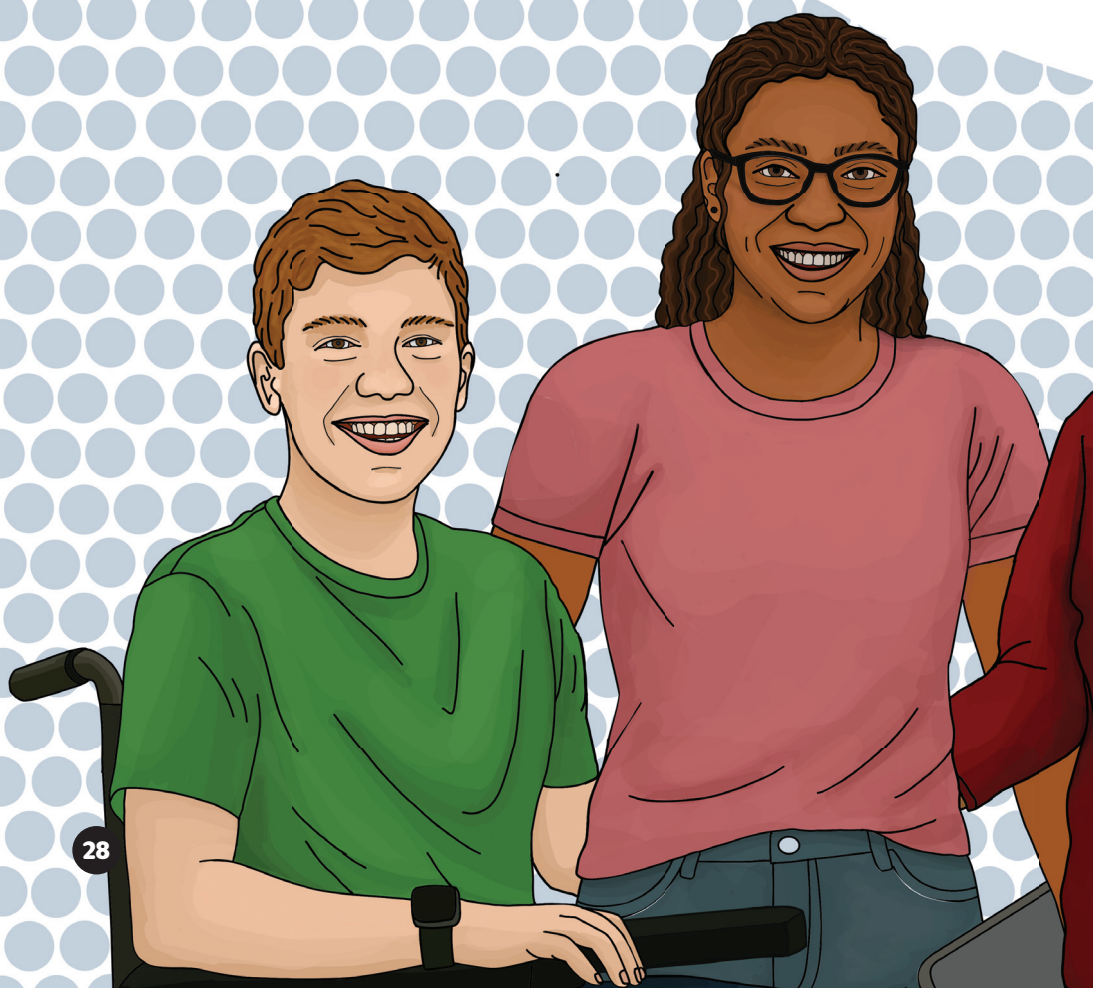
Os primeiros dias foram difíceis. O solo da “Praça do Sorriso” estava compactado e sem vida, cheio de entulho e lama. Com a supervisão e apoio técnico do Professor Cerri, os voluntários prepararam o terreno. A cada planta que plantavam na terra, sentiam uma conexão mais profunda com o solo e com a própria comunidade. Dona Aurora, incansável, preparava lanches e sucos para a equipe, e sua energia contagiava a todos.

A ação deles foi chamando atenção nas redes e boa parte da população do bairro já estava empenhada em ajudar. Juntos, conseguiram mudas de plantas nativas, ferramentas e os materiais necessários .



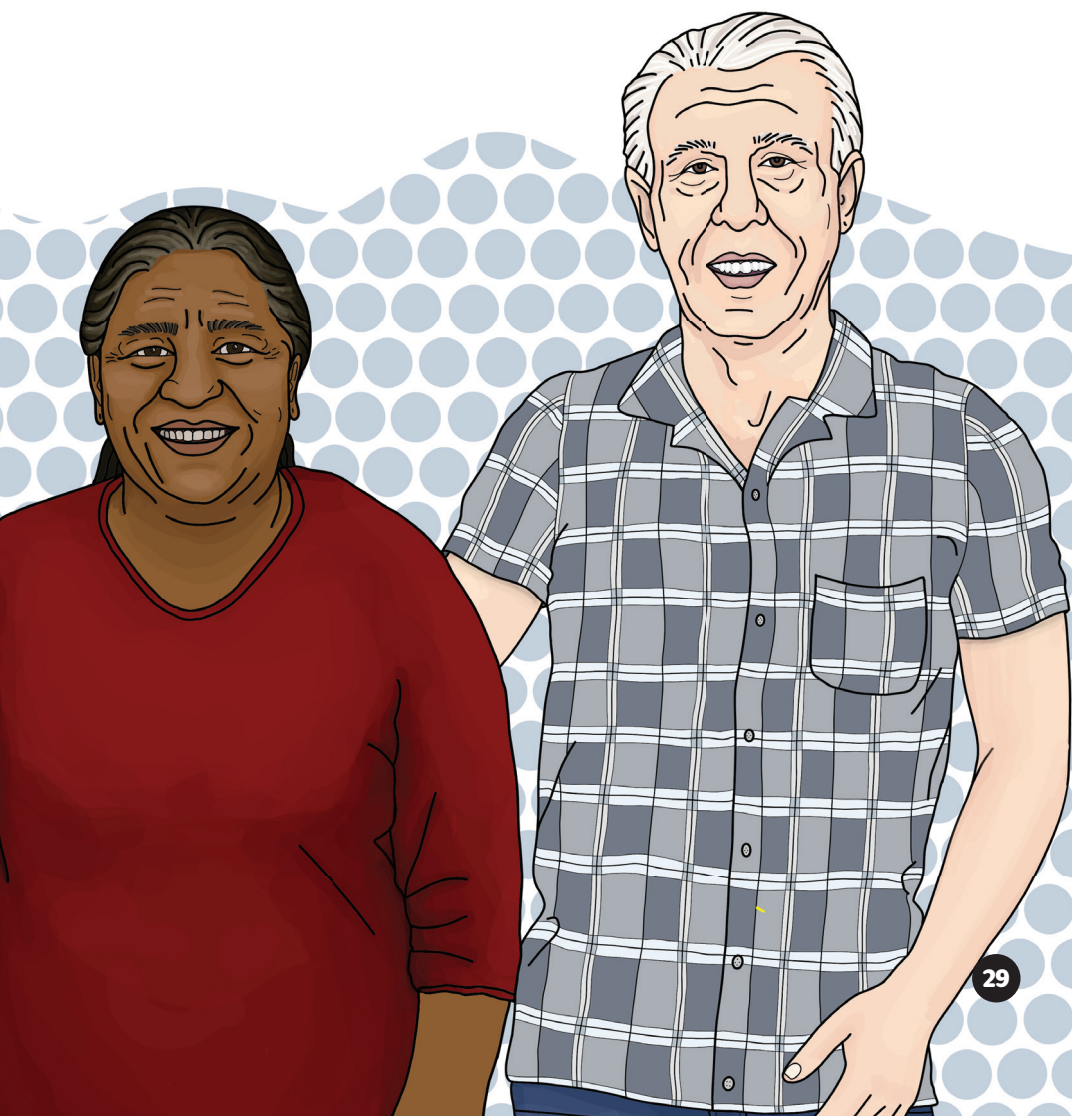
Passaram-se meses de trabalho exaustivo. Foram muitos os comentários de ceticismo dizendo: “Isso não vai resolver nada”, “É só mais uma modinha”, “Não existe viabilidade nessas soluções”. Apesar disso eles não desistiram.

O primeiro teste veio no ano seguinte com a chuva. Todos ficaram apreensivos. A água começou a cair, forte e constante. Mas, em vez de se acumular, ela era absorvida pelo jardim de chuva, que parecia engolir cada gota. A água escoava lentamente, filtrada pelas plantas e pela terra.



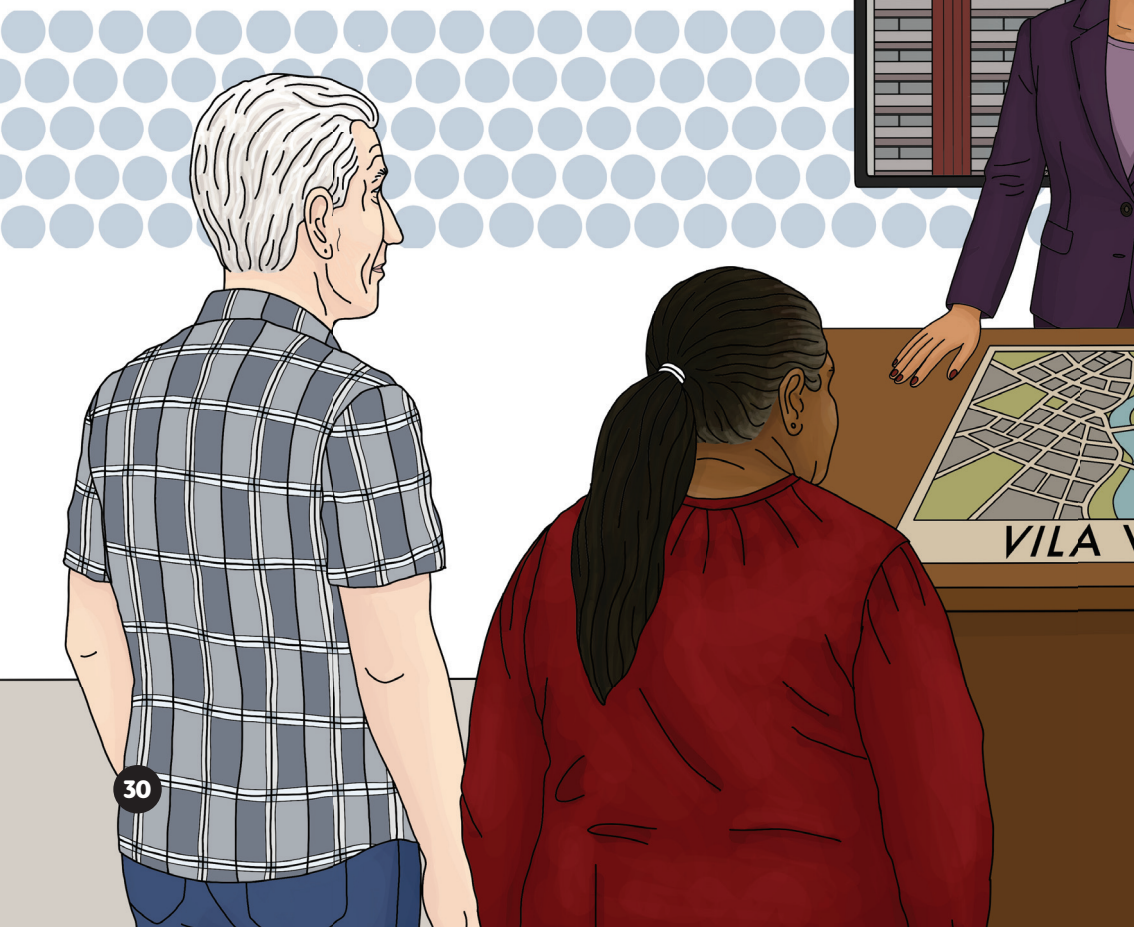
Foi um pequeno milagre, uma prova visível de que a natureza estava os ajudando.

O sucesso do jardim de chuva abriu portas. Mais moradores se interessaram em ajudar. Um telhado verde foi instalado no centro comunitário, transformando um espaço cinzento e quente em um local fresco e florido. A mídia local começou a cobrir suas ações, chamando-os de “Os Guardiões de Vila Verde”. O ceticismo deu lugar à curiosidade, e a curiosidade à admiração.



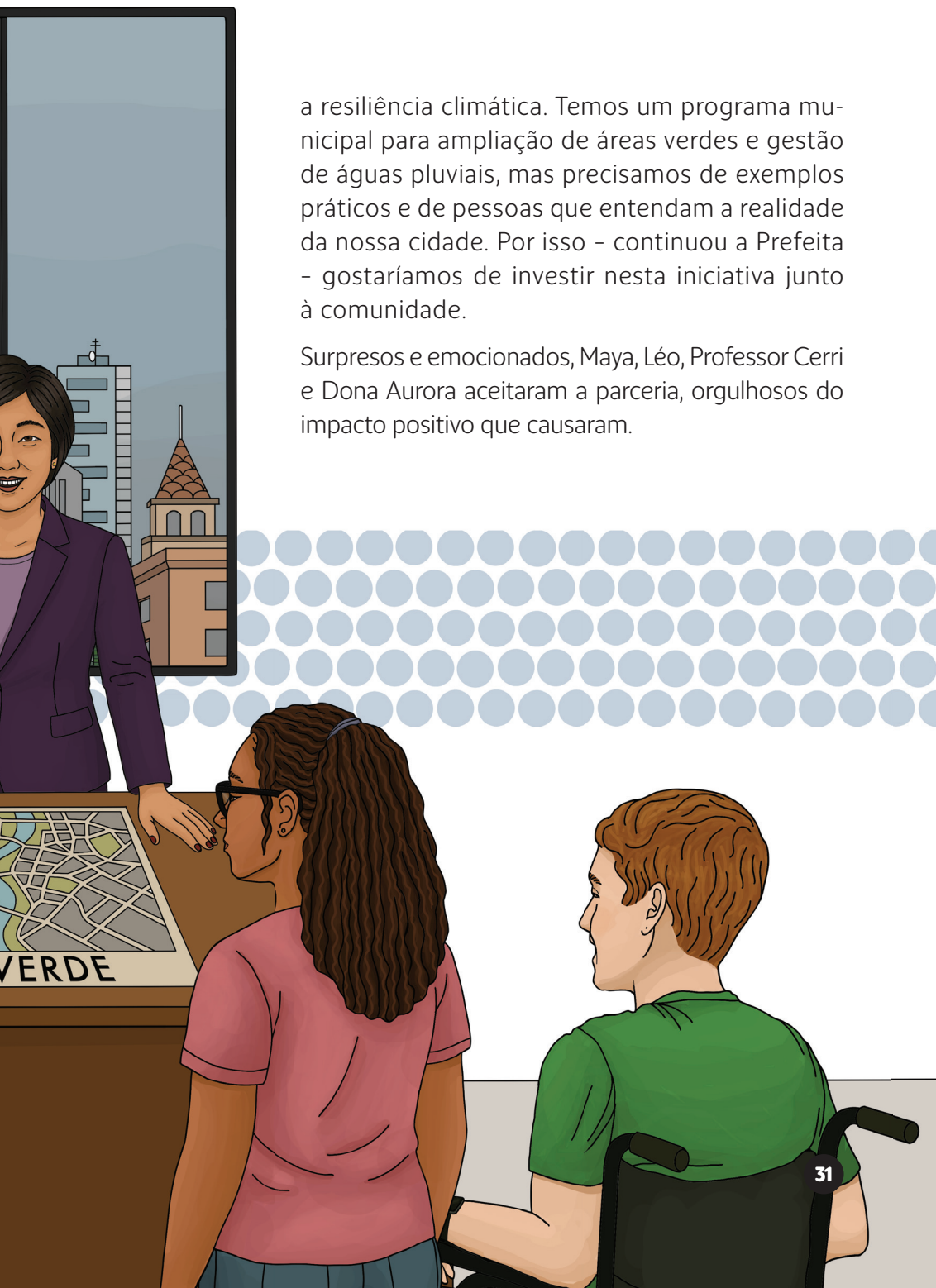
A iniciativa despertou o interesse da prefeita da cidade. Ana Lúcia havia acompanhado a repercussão sobre o sucesso da “Praça do Sorriso” e viu ali a oportunidade de implementar uma política pública de grande impacto para Vila Verde. A cidade já possuía um programa de soluções sustentáveis e adaptação às mudanças climáticas, e foi para falar sobre isso que “Os Guardiões de Vila Verde” foram recebidos no gabinete da prefeitura da cidade.

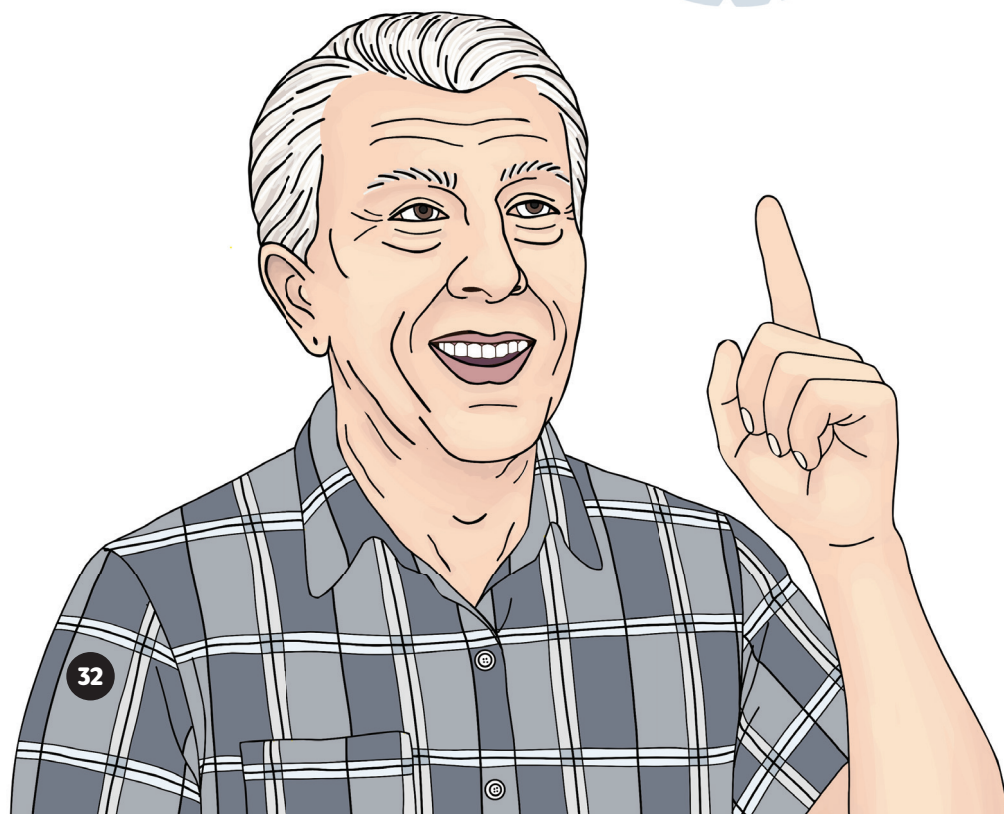
- É um prazer recebê-los aqui! Minha gestão tem um compromisso com a sustentabilidade e



a resiliência climática. Temos um programa municipal para ampliação de áreas verdes e gestão de águas pluviais, mas precisamos de exemplos práticos e de pessoas que entendam a realidade da nossa cidade. Por isso – continuou a Prefeita – gostaríamos de investir nesta iniciativa junto à comunidade.

Surpresos e emocionados, Maya, Léo, Professor Cerri e Dona Aurora aceitaram a parceria, orgulhosos do impacto positivo que causaram.





Assim, os “Guardiões de Vila Verde” começaram a sonhar mais alto. O rio que cortava a cidade havia sido canalizado e transformado em um canal de concreto há décadas, uma cicatriz cinzenta no coração da cidade.

Professor Cerri comentou sobre o Parque Bishan-Ang Mo Kio em Singapura, onde um rio similar havia sido naturalizado, transformando-se em um parque vibrante e multifuncional.

- Imagine, Maya - disse ele - se pudéssemos transformar este canal em um parque linear, com áreas de tratamento natural de água e dos solos, trilhas para caminhada e espaços para agricultura urbana. Conectaria todos os bairros, traria vida de volta ao rio e curaria o solo de toda a cidade.

- E não precisamos ir tão longe! - disse Maya - O mesmo aconteceu no Parque Orla Piratininga, em Niterói - Rio de Janeiro, com o maior projeto de Soluções Baseadas na Natureza do Brasil.

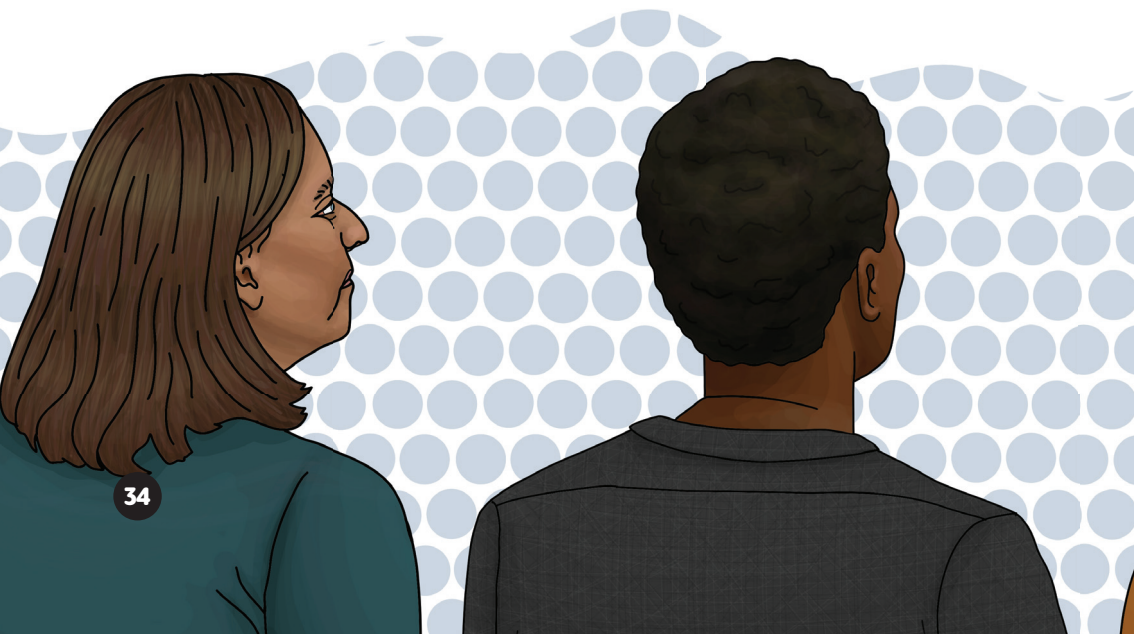
A ideia era ousada, mas Maya, agora mais confiante e com a experiência dos pequenos sucessos, sentiu uma chama acender dentro de si. Ela sabia que os “Guardiões de Vila Verde” poderiam fazer a diferença.

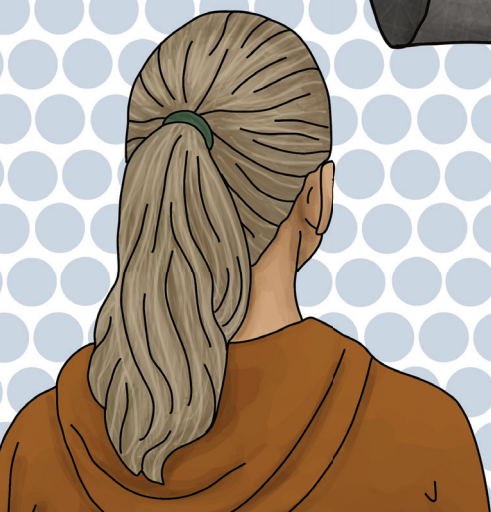
A TRANSFORMAÇÃO E O FUTURO

Os anos seguintes foram marcados por mudanças e desafios para Vila Verde. A proposta de transformar o canal de concreto em um parque linear foi recebida com uma mistura de entusiasmo e ceticismo pelas novas autoridades municipais. Muitos viam a ideia como grandiosa demais, cara e desnecessária. “Sempre fizemos assim”, era o argumento mais comum.

Maya, agora com uma oratória afiada e a paixão de quem viu a transformação acontecer, não se intimidou. Unindo forças, a comunidade apresentou o “Projeto Recuperação do Rio Esperança”.

Eles mostraram fotos do antes e depois do bairro de Dona Aurora, dados sobre a redução de inundações, além da melhoria da qualidade do ar e da água. Insistiram novamente no exemplo do Parque Bishan-Ang Mo Kio, em Singapura, sendo uma opção mais barata e eficaz a longo prazo. E também o exemplo do Parque Orla Piratininga, reconhecido mundialmente com prêmios de sustentabilidade.







Após semanas de debates acalorados, audiências públicas e muita persuasão, o projeto foi finalmente aprovado. Vila Verde embarcaria em sua maior transformação.

A implementação do projeto do rio foi um empreendimento gigantesco. Máquinas pesadas trabalharam para remover o concreto que “sufocava” o rio, revelando finalmente, o seu leito original.

Engenheiros, agrônomos, arquitetos, paisagistas, biólogos e voluntários de diferentes idades trabalharam lado a lado. Maya e Leo, agora jovens líderes reconhecidos, coordenavam as equipes, plantando árvores nativas, criando zonas úmidas e falando sobre a importância da construção de trilhas ecológicas na cidade.

Dona Aurora, com sua sabedoria prática, organizava a comunidade para manter as novas áreas verdes e implementar hortas comunitárias. A iniciativa traria novas perspectivas de vida aos agricultores urbanos, homens e mulheres que viviam em condições de vulnerabilidade social. Além disso, poderiam garantir alimentos de qualidade para muitas creches da cidade.

Aos poucos, Vila Verde começou a renascer. O Rio Esperança, antes um canal cinzento e sem vida, voltou a serpentear com água limpa, trazendo peixes, pássaros, cheiros e cores agradáveis.

O parque linear se tornou o novo coração da cidade, um lugar onde as pessoas podiam caminhar, andar de bicicleta, fazer piqueniques e se reconectar com a natureza. As inundações tornaram-se uma memória distante, o ar estava mais limpo e fresco, e a cidade respirava levemente.

Ao longo do tempo, Vila Verde foi se tornando um exemplo local de resiliência e sustentabilidade. Seus arranha-céus ainda brilhavam, agora cercados por telhados verdes e paredes vivas. As ruas eram ladeadas por árvores que ofereciam sombra e ar puro.

A agricultura urbana florescia em muitos bairros, e os mercados locais transbordavam de produtos frescos e acessíveis, cultivados na própria cidade. O solo, antes doente e esquecido, estava saudável, vibrante e cheio de vida, sendo base sólida sobre a qual a nova Vila Verde foi construída.

Maya, agora adulta, era uma inspiração para muitos. Ela havia se formado e se tornado uma renomada especialista em “Soluções Baseadas na Natureza”, viajando pelo mundo para compartilhar a história de sucesso de Vila Verde.

Ano após ano, ela continua a defender a sustentabilidade, a educar as novas gerações sobre a importância do solo e a lembrar a todos que a verdadeira modernidade não estava em dominar a natureza, mas em viver em harmonia com ela. Suas iniciativas transmitem uma mensagem de esperança e empoderamento, mostrando que, com conhecimento e ação, é possível reverter a degradação do solo e construir um futuro mais sustentável.





Praça Sorriso

Carlos Cerri
1946-2017
Homenagem e gratidão
a sua sabedoria e legado

Os Guardiões
de Vila Verde
Homenaria Municipal

Vila Verde completava 300 anos, e Maya estava no palco principal da celebração. A praça que havia sido reconstituída anos atrás estava lotada, e o prefeito – com um sorriso orgulhoso – entregava a ela um prêmio de reconhecimento por sua incansável dedicação à transformação da cidade. Maya olhou para a multidão, seus olhos curiosos de adolescente agora estavam cheios de uma sabedoria madura. O busto com a imagem de seu querido Professor Cerri ao fundo. Ele já não estava mais ali para ver, porém seu legado vivia em cada árvore plantada, em cada solo recuperado, e, principalmente, no coração de Maya. Ela começou seu discurso.

– Hoje, Vila Verde celebra não apenas mais um ano de sua existência, mas a prova de que a mudança é possível quando ouvimos a voz da natureza e nos unimos para atendê-la. Lembro-me das palavras do meu querido mentor, Professor Cerri: “as respostas, minha cara, nem sempre estão nas telas brilhantes, mas sob nossos pés.” Ele tinha razão. Foi ao olhar para o solo, ao entender sua importância e ao trabalhar com ele, que encontramos as soluções para os nossos maiores desafios. Que continuemos a ser “Guardiões de Vila Verde”, para que as futuras gerações possam colher os frutos de um planeta saudável e vibrante.

E não se esqueçam: Para ter cidades saudáveis, é preciso ter solos saudáveis! Por isso, quando estiverem em conflito com a natureza, lembrem-se de olhar para ela e perguntar: “Ei, natureza, como você resolveria esse problema?” Tenham certeza que ela nos responderá mostrando caminhos inteligentes, bonitos e saudáveis!



NAYANA ALVES PEREIRA

Engenheira Agrônoma e Dra. em Ciências
Disseminadora Científica no CCARBON/USP



MARIANA PEZATTE POLLO

Gestora Ambiental e Mestra em Ciências
Disseminadora Científica no CCARBON/USP



JULIANA RAMIRO

Engenheira Agrônoma e Dra. em Ciências
Disseminadora Científica no CCARBON/USP



ANTÔNIO CARLOS DE AZEVEDO

Docente na ESALQ/USP
Coordenador do Educarbon Schools



LEIDIVAN ALMEIDA FRAZÃO

Docente na UFMG
Membro do Comitê Gestor do CCARBON



RODOLFO FAGUNDES COSTA

Engenheiro Agrônomo e Dr. em Ciências
Gestor de Disseminação do CCARBON/USP



TIAGO OSÓRIO FERREIRA

Docente na ESALQ/USP
Diretor de Disseminação no CCARBON/USP

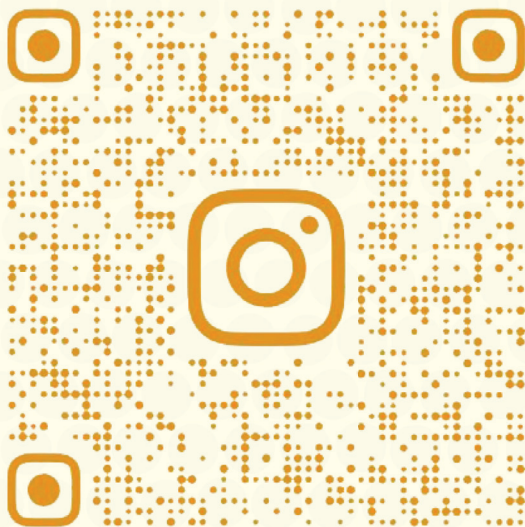


PAULA MARTINS NERY

Engenheira Agrônoma
Ilustradora Científica

SAIBA MAIS SOBRE O EDUCARBON!

Acesse o QR Code abaixo
e visite nossa página!



@EDUCARBON.USD

OS GUARDIÕES DE VILA VERDE

Uma narrativa poderosa e inspiradora que acompanha a jornada desafiadora de uma nova geração, liderada pela determinada jovem Maya, na moderna metrópole de Vila Verde.

A história revela como Maya e seus amigos desvendam uma verdade essencial: a inovação e o futuro sustentável não nascem apenas dos algoritmos digitais, mas, principalmente, da reconexão entre a humanidade e a natureza, um vínculo muitas vezes esquecido devido ao excesso de conexões virtuais.

Sob a orientação do Professor Carlos Cerri, um cientista do solo, Maya embarca na missão de reescrever o destino de sua cidade, que adoece sob o concreto.

Será que essa jovem e seus aliados irão conseguir reverter décadas de descaso ambiental? Poderão eles convencer uma metrópole obcecada por tecnologia a olhar para o solo e descobrir o segredo que se esconde sob o asfalto?

Prepare-se para uma incrível aventura onde a mais significativa batalha pelo futuro não é travada nas telas, mas sim sob nossos pés.

Este livro é um chamado à ação, evidenciando que a saúde do solo é o alicerce para a saúde de toda a cidade e da população que nela habita.

A união entre a nova geração e a sabedoria da terra é a chave para um futuro resiliente.



ISBN: 978-65-89722-92-2